

A consoante lateral na língua Kaxarari (Pano) aspectos lexicais e funcionais

The lateral consonant in Kaxarari language (Panoan)
lexical and functional aspects

*Raphael Augusto Oliveira Barbosa**

**Universidade de São Paulo (USP)*

Resumo: Este artigo analisa se o segmento lateral descrito na língua Kaxarari realiza-se como fonema consonantal ou como variação de outra consoante. A princípio, esta proposta de análise funcional-descritiva tem como base os estudos sobre essa língua já publicados, os quais descrevem a fonologia e, brevemente, também seus aspectos fonéticos e morfológicos. Após as características gerais do povo e da língua Kaxarari, apresento, como breve esboço descritivo, a análise dos dados que provêm dos estudos fonológicos (consoantes, vogais e estrutura silábica) e morfológicos (infinitivo, passado, negação, número, pronome e caso). Então, na seção seguinte, os resultados da análise sobre o segmento lateral são apresentados com relação aos aspectos lexicais e funcionais e a sua posição silábica. Por fim, após a conclusão, e referências bibliográficas encerram o trabalho.

Palavras-chave: Kaxarari. Família Pano. Consoante Lateral. Morfofonologia. Fonologia.

Abstract: This article analyzes whether the lateral segment described on the Kaxarari language is realized as consonantal phoneme or as a variation of another consonant. At first, this proposal of functional-descriptive analysis is based on already published studies on this language, which describe the phonology and, briefly, also its phonetic and morphological aspects. After the general characteristics of the Kaxarari people and language, I present, as a brief descriptive sketch, the analysis of the data provided by the phonological (consonants, vowels and syllabic structure) and morphological studies (infinitive, past, negation, number, pronouns and case). Then, in the following section, the results of the analysis regarding the lateral segment are presented, especially, with respect to the lexical and functional aspects of its syllabic position. Finally, after the conclusion, the bibliographic references conclude the work.

Keywords: Kaxarari. Panoan Family. Lateral Consonant. Morphophonology. Phonology.

Introdução

O Kaxarari é uma língua da família Pano falada por uma população homônima nos estados brasileiros de Rondônia e Amazonas. O nível fonológico dessa língua foi minimamente descrito, assim como breves aspectos sobre a fonética e a morfologia. Apesar da carência de descrições avançadas, a principal característica fonológica e morfológica do Kaxarari é a descrição da consoante lateral /l/, tanto em elementos lexicais, quanto em função de caso ergativo {-l}. Em relação ao marcador de caso ergativo das demais línguas da família Pano, a consoante lateral é específica do Kaxarari, pois o morfema nominal de caso ergativo nas outras línguas dessa família tem sido descrito geralmente na forma da consoante ou traço nasal {-n/~}.

Nesse sentido, de acordo com os trabalhos sobre a língua Kaxarari já publicados, o principal objetivo deste artigo é investigar se o segmento lateral [l], em posição de coda silábica (pós-vocálica), realiza-se como variação fonética da consoante nasal ou como fonema consonantal. Para tanto, esse processo é investigado com base nas restrições de sequências consonantais em domínios lexicais e funcionais. Em adição a esse objetivo, o propósito secundário deste trabalho é apresentar, como base para estudos futuros, a análise fonológica e morfológica das descrições já realizadas e publicadas sobre essa língua até o momento.

A descrição dos aspectos fonológicos e morfológicos do Kaxarari é apresentada de acordo com os estudos de Barbosa (2015), Cabral e Monserrat (1987), Cândido, Ribeiro e Ishy (2009), Couto (2005), Lanes (2000, 2005), Oliveira (2014), Pickering (1973), Sousa (2004) e Souza (1986). Com base nesses trabalhos, a análise fonológica da consoante lateral segue os princípios de Jakobson (1978) e Trubetzkoy (1969) e a ergatividade morfológica desse segmento, de Dixon (1979, 1994). Diferente da abordagem morfema-e-processo, a análise dos aspectos morfológicos do Kaxarari, aparentemente língua de estrutura aglutinante, é apresentada conforme o procedimento morfema-e-arranjo (AIKHENVALD, 2007).

Com base na cronologia dos estudos sobre o Kaxarari, o trabalho de Pickering (1973) apresenta uma lista de 72 palavras transcritas foneticamente. Souza (1986) apresenta uma lista de 177 palavras, os tipos de sílabas, a ordem básica das palavras, algumas orações nominais e uma lista de alguns pronomes. Cabral e Monserrat (1987) apresentam uma lista de palavras, um quadro fonológico das consoantes e das vogais, algumas considerações a respeito dos alofones, da estrutura silábica e do acento. O trabalho de Lanes (2000) apresenta uma lista de 165 palavras, que lhe serviram de base para realizar um estudo comparativo da fonologia em algumas línguas Pano.

Em Sousa (2004), a partir de pesquisa de campo, a autora descreve a fonologia da língua e tece breves considerações sobre a morfologia nominal. Couto (2005) apresenta um estudo fonético-fonológico da língua, realizado com o objetivo de desenvolver uma proposta de ortografia, e algumas informações sobre posse e pronomes pessoais. Cândido, Ribeiro e Ishy (2009) propõem, a partir de pesquisa bibliográfica, um quadro de fonemas e da estrutura silábica. Barbosa (2015), também com base nos estudos de fonologia dessa língua já realizados, propõe a estrutura básica do sistema fonológico consonantal. Em Oliveira (2014), o autor apresenta alguns dados primários, usados na proposta de reconstrução fonológica e lexical das línguas Pano.

Sobre a organização do presente trabalho, a partir desta introdução, algumas informações gerais como os aspectos sociais e o idioma Kaxarari como língua da família Pano são apresentadas. Em seguida, as descrições da fonologia e morfologia já publicadas até o momento são analisadas, seguidas do exame da distribuição e restrição lexical e funcional da consoante lateral. Por fim, o artigo é encerrado com a conclusão seguida das referências bibliográficas.

1 Características gerais

Com base nos principais trabalhos já realizados sobre a língua/povo Kaxarari, nesta seção são apresentados breves aspectos sociais e etnográficos do povo e do parentesco linguístico dessa língua.

1.1 Breves aspectos sociais

A Terra Indígena Kaxarari localiza-se na fronteira dos estados de Rondônia e Amazonas. Nessa terra vivem cerca de 445 indivíduos (SIASI/SESAI, 2014 apud ISA, 2017), com adição daqueles que habitam núcleos urbanos da região, como os municípios de Extrema, Porto Velho e Guajará-Mirim, no estado de Rondônia, e o município de Rio Branco, no Acre. Conforme Moreira (2005), após o acentuado contato com a sociedade nacional, os Kaxarari sofreram forte redução de sua população,¹ devido a perseguições e ataques de caucheiros peruanos e seringalistas brasileiros e suas epidemias. Assim como ocorreu com

¹ Redução de aproximadamente 2 mil índios em 1910 para menos de 200 em 1980 (MOREIRA, 2005).

outros povos dessa região, esse período de contato é geralmente dividido em três momentos, denominados tempo das correrias, tempo do cativo e tempo dos direitos.

Atualmente, os falantes da língua Kaxarari habitam quatro aldeias, nomeadas Barrinha, Marmelinho, Paxiúba e Pedreira, onde vivem separados da maior parte dos outros povos Pano do Acre e do Amazonas por um corredor de população Arawak, e também próximos a falantes de línguas Takana do norte boliviano (ERICKSON, 1992). As primeiras informações encontradas na literatura sobre os Kaxarari datam de 1910, em que João Alberto Masô, engenheiro da comissão de delimitação das fronteiras do Brasil com a Bolívia e o Peru, relata a localização de índios Kaxarari na cabeceira do igarapé Curequeté (AQUINO, 1984).

Quanto à representação política de cada aldeia, os Kaxarari possuem uma organização centrada na figura do cacique ou “liderança”, responsável pelos assuntos sociais e políticos. A organização social se dá por meio de clãs patrilineares exogâmicos, com 18 grupos no início dos anos oitenta (ISA, 2017). Em relação à economia, a principal fonte de renda é o extrativismo da castanha. No que diz respeito à educação, todas as aldeias possuem uma escola com classes primárias de 1º a 5º ano e conforme relata Gomes (2009) e Sousa (2004) a necessidade de ensino da língua materna é manifestada tanto pelos professores como pelos membros mais velhos da comunidade.

O Kaxarari encontra-se no quadro das línguas em grave risco de extinção (MOSELEY, 2010). Com base na transmissão do idioma para gerações seguintes, conforme o Atlas das Línguas do Mundo em Perigo (*Atlas of the world's languages in danger*), publicado pela UNESCO em 2010, essa língua faz parte das línguas criticamente ameaçadas. Em termos gerais, Gomes (2009) descreve que somente os mais velhos ainda falam a língua com frequência, sendo que as crianças falam pouco e algumas apenas entendem.

De acordo com o trabalho de Couto (2005), a Escola Kaxarari iniciou-se em 1996, “[...] por iniciativa de alguns indivíduos da comunidade indígena no desejo de serem alfabetizados em português, tendo funcionado desde então com poucos recursos, ora estaduais, ora municipais.”. Segundo o autor, há quatro escolas com professores indígenas, que, no entanto, usam o português, com exceção de Marmelinho, onde se usa somente a língua Kaxarari. Ademais, é descrito que a primeira proposta de ortografia, com o objetivo de uso escolar, foi apresentada nos encontros para treinamento de professores - 2003, e que devido “[...] ao processo escolar informal e anterior, já em andamento [...]”, alguns grafemas foram rejeitados, como <y> para a vogal /i/ e <sh> para a consoante /ʃ/.

1.2 Família linguística Pano

A língua Kaxarari pertence à família Pano, que possui cerca de três dezenas de idiomas e é considerada o quinto maior agrupamento da América do Sul, depois das famílias Tupi-Guarani, Jê, Karib e Arawak (FLECK, 2013). As línguas da família Pano são faladas por aproximadamente 40.000 indivíduos em um território contínuo em grande parte da Amazônia Ocidental, que ocupa o leste peruano, o oeste brasileiro e o norte boliviano: mais especificamente, de norte para o sul, esses indivíduos ocupam áreas que vão do rio Amazonas ao Alto Madeira e Beni e, de oeste para leste, do Ucayali às cabeceiras do Javari, Juruá e Purus (RIBEIRO, 2006).

Os primeiros registros sobre as línguas Pano datam do século XVII, realizados por missionários jesuítas e outros datam do século XVIII, por missionários franciscanos e demais viajantes (FLECK, 2013). O estudo inicial que formalizou o reconhecimento desta família como um grupo autônomo foi o trabalho de La Grasserie (1889), intitulado *De la famille linguistique Pano*, apresentado em 1888 no VII Congresso Internacional dos Americanistas, que apresenta um grupo de sete línguas aparentadas: “Pano, Mayoruna Domestica, Mayoruna Fera, Maxuruna, Caripuna, Culino, Conibo, Pacavara”. Com o estudo de Loos (1999), o Kaxarari, até então agrupado como língua Arawak na literatura devido a casamentos com os Manchineri e Apurinã (LANES, 2005), foi classificado como língua da família Pano.

Propostas de parentesco das línguas Pano com as línguas Takana vêm sendo apresentadas a partir da publicação do estudo de Schuller (1933). Esses estudos afirmam, por exemplo, com base na comparação de proto-formas de ambas as famílias, que a grande quantidade de cognatos existentes entre o proto-pano e o proto-takana indica que essas duas famílias linguísticas compartilham o mesmo ancestral. A partir de então, estudos descritivos e comparativos sobre as línguas da família Pano têm sido realizados por instituições acadêmicas no Brasil, na América Latina e fora dela.

Em termos gerais, os trabalhos de classificação linguística da família Pano apresentam 30 línguas conforme Loos (1999); 34 línguas, Ribeiro (2006); e 32 línguas, Fleck (2013). A caracterização morfossintática das línguas dessa família apresenta grande diversidade, devido ao agrupamento de cada classificação e aos aspectos específicos de cada língua. Apesar dessa diversidade, o perfil tipológico geral da gramática das línguas Pano consiste na tendência ao tipo sintético-aglutinante, principalmente em raízes verbais; alinhamento ergativo-absolutivo, sobretudo, em itens nominais marcados com ênclise nasal;

ordem básica dos constituintes com verbo final (AOV, SV)² e das construções possessivas com possuidor (dependente) seguido do possuído (núcleo) (FLECK, 2013; LOOS, 1999).

2 Descrições fonológicas

Nesta seção, apresento o resumo dos principais estudos iniciais a respeito da fonologia do Kaxarari, a exemplo de Barbosa (2015), Cabral e Monserrat (1987), Cândido, Ribeiro e Ishy (2009), Couto (2005), Lanes (2000), Oliveira (2014), Sousa (2004) e Souza (1986) e, em seguida, o sistema vocálico, seguido de algumas notas sobre a sílaba e o acento dessa língua.

2.1 Consoantes

Na presente seção, são resumidos alguns aspectos segmentais das consoantes do Kaxarari, como as propostas de pares mínimos (com oposição fonológica em início de sílaba tônica e pretônica) e a comparação dos segmentos consonantais descritos nos estudos supracitados. Em adição aos fonemas consonantais, apresento também algumas notas analíticas e hipóteses descritivas a respeito desses segmentos em relação às variações fonológicas consonantais publicadas nesses trabalhos.

Nesse sentido, com base nos estudos de Cândido, Ribeiro e Ishy (2009), Couto (2005) e Sousa (2004), a classe das consoantes obstruintes é formada pelos segmentos descontínuos /p/, /t/, /tʃ/ e /k/ que se opõem respectivamente às consoantes contínuas /β/, /s/, /ʃ/ e /h/, conforme os exemplos (1 a 4). Ademais, as consoantes obstruintes /β/ e /ʃ/ opõem-se às soantes /w/ e /j/ (5 e 6). E de modo análogo, é descrito que as obstruintes /p/ e /t/ estão em oposição fonológica com as soantes /m/ e /n/ (11 e 7). Por fim, dentre os segmentos soantes, a oral descontínua /r/ opõe-se à nasal /n/ (8), e a oral contínua /l/, à nasal /n/ e ao tepe /r/ (9 e 10):

² Com base nas relações sintático-semânticas propostas por Dixon (1979, 1994), A e O referem-se, em respectivo, ao sujeito e ao objeto direto de orações transitivas; e S, ao sujeito de orações intransitivas.

- | | | | | | |
|---|---------------------|---|--------------------|---|---------------------|
| 1 | mapu 'pó' | 3 | tʃa'ʃu 'veado' | 5 | βa'tʃi 'ovo' |
| | 'maβi 'barro/terra' | | ʃa'ʃu 'pedra' | | wa'tʃi 'sol' |
| 2 | mata'hi 'indicar' | 4 | kã'hi 'andar' | 6 | ʃoka'hi 'descansar' |
| | masa'hi 'varrer' | | hã'hi 'amadurecer' | | joka'hi 'pedir' |

Fonte: (SOUSA, 2004)

- | | | | |
|---|--------------|----|------------------------|
| 7 | ja'ta 'aí' | 9 | ja'la 'carrapato' |
| | ja'na 'lago' | | ja'na 'lago' |
| 8 | ja'ra 'azul' | 10 | ta'lahi 'experimentar' |
| | ja'na 'lago' | | ta'rahi 'ferir' |

Fonte: (COUTO, 2005)

- 11 pa'li 'tapiri'
ma'li 'facão'

Fonte: (CÂNDIDO; RIBEIRO; ISHY, 2009)

As oposições fonológicas nesses exemplos são apresentadas com base em pares suspeitos, que, na descrição da língua, também devem ser analisados em relação a seus conteúdos. Com base nos exemplos anteriores, o par mínimo *βatʃi* 'ovo' e *watʃi* 'sol', em (5), constitui-se da oposição da obstruinte /β/ e soante /w/, mas apresenta formas análogas ou sobrepostas com relação a seus conteúdos. Ademais, o par mínimo *mapu* 'pó' e *maβi* 'barro/terra', em (1), que envolve a distinção fonológica da consoante fricativa labial /β/, assim como o exemplo (5), também apresenta sobreposição ou analogia na forma de seus conteúdos. As consonantes propostas para o Kaxarari são apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 1 – Consoantes propostas para a língua Kaxarari

	Lateral	Tepe	Aprox.	Nasal	Fricativa	Africada	Oclusiva
Souza (1986)	l	r	w j	m n ɲ	s ʃ h	ts tʃ	p t k b
C. M. (1987)	l	r	w j	m n	β s ʃ ʃ h	ts tʃ tʃ	p t k ʔ
Lanes (2000)	l	r	w j	m n ɲ	s ʃ h	ts tʃ	p t k
Sousa (2004)	l	r	w j	m n	β s ʃ ʃ h	ts tʃ	p t k
Couto (2005)	l	r	w j	m n n ^j	β s ʃ ʃ h f v	ts tʃ tʃ tʃ ^j	p t k ʔ b ^j t ^j k ^j k ^w
C. R. I. (2009)	l	r	w j	m n	β s ʃ ʃ h	ts tʃ	p t k ʔ
Barbosa (2015)	l	r	w j	m n	β s ʃ h	ts tʃ	p t k

Na série da consoante tepe, apenas Couto (2005) descreve a vibrante alveolar /r/. No que diz respeito às consoantes nasais, esse autor também descreve a coronal palatalizada /n^j/, e Lanes (2000) e Souza (1986), a palatal /ɲ/. Sobre as fricativas, a maioria dos estudos descreve /β/, /s/, /ʃ/, /ʃ/ e /h/, com adição das labiais /f/ e /v/, em Couto (2005), e com exceção, em Lanes (2000) e Souza (1986), da labial /β/ e da álveo-palatal /ʃ/ e, em Barbosa (2015), da retroflexa /ʃ/. A africada retroflexa /tʃ/ é descrita somente por Cabral e Monserrat (1987) e, assim como a palatalizada /tʃ^j/, por Couto (2005). Sobre as oclusivas, a glotal /ʔ/ é descrita apenas por Cabral e Monserrat (1987), Couto (2005) e Cândido, Ribeiro e Ishy (2009); a labial sonora /b/, por Souza (1986); e as palatalizadas /b^j/, /t^j/ e /k^j/ e a labializada /k^w/, por Couto (2005).

Esses estudos a respeito da fonologia da língua Kaxarari, contudo, apresentam descrições pouco definitivas sobre as variações desses fonemas consonantais, com exceção de Cabral e Monserrat (1987) e, principalmente, Couto (2005). Ademais, sobre os fonemas consonantais dessa língua, Barbosa (2015) propõe o delineamento de seu sistema fonológico, com base nos traços distintivos ‘soante’, ‘nasal’ e ‘contínuo’, e a oposição da consoante tepe

como segmento descontínuo na classe das consoantes soantes. De acordo com esses estudos, essas variações dos fonemas consonantais no sistema fonológico do Kaxarari são apresentadas a seguir:

Quadro 2 – Sistema consonantal preliminar do Kaxarari

Obstruinte	[-cont]	p	t [tʰ]	tʃ [tʃ] [tʃʰ]	k [kʷ] [kʰ]
	[+cont]	β [f] [v] [b] [bʰ]	s [ts]	ʃ [s]	h [ʔ]
Soante	[+nas]	m	n [n] [l]		
	[-nas]	w [b]	l [ʎ]	j	
	[-cont]		r		

O trabalho de Couto (2005) apresenta uma proposta das variações de alguns desses segmentos, como a consoante lateral [ʎ] e as labiais contínuas [f] e [v] e descontínuas [b] e [bʰ]. Sobre as soantes orais, é descrito que a lateral coronal /l/, seguida da vogal alta /i/, deriva, por meio do processo de palatalização, a variante lateral palatal [ʎ]. Ademais, nesse sentido, é provável que as consoantes nasal palatal [ɲ], coronal [nʰ] e as descontínuas labial [bʰ], coronal [tʰ], palatal [tʃʰ] e dorsal [kʰ] correspondam a variações palatalizadas de suas contrapartes.

Sobre a consoante [b], tanto Couto (2005) quanto Cabral e Monserrat (1987) a descrevem como variação do fonema contínuo obstruinte [β] (assim como provavelmente são as labiais [f] e [v], e a derivação das descontínuas [ts] e [ʔ] a partir das contínuas [s] e [h]). Em adição a essa descrição, os resultados do presente estudo também apresentam a derivação da plosiva [b] a partir da aproximante [w], assim como, em posição de coda silábica, a lateral [l], da oralização da consoante nasal [n].

Além disso, sobre os demais segmentos consonantais do sistema fonológico, a descontínua dorsal /k/, seguida da sequência vocálica /ua/ deriva sua contraparte labializada [kʷ]. Por fim, é provável que ocorra uma ou mais variações entre as retroflexas e palatais, como a derivação daquelas a partir destas (conforme o quadro apresentado); o inverso, como a palatalização das retroflexas; ou, segundo Couto (2005), processos de neutralização de fricativas/africadas seguidas de vogais altas.

2.2 Vogais

Nesta seção, apresento os aspectos segmentais das vogais da língua Kaxarari, como a proposta de pares mínimos (com oposição fonológica em posição de núcleo silábico tônico e pretônico) e a comparação dos segmentos vocálicos já propostos em trabalhos já publicados, conforme indicado na bibliografia. Em seguida, apresento a proposta do sistema vocálico dessa língua. Nos dados referentes aos fonemas vocálicos apresentados a seguir, com base no estudo de Cândido, Ribeiro e Ishy (2009), as vogais altas /i/, /i/ e /u/ opõem-se à vogal baixa /a/, conforme os exemplos (12 a 14); e, ademais, a vogal central /i/, à vogal posterior /u/ (15):

12	hi'wa 'flor'	14	mu'li 'minhoca'
	ha'wa 'dele'		ma'li 'facão'
13	i'wi 'meu'	15	i'ji 'mês'
	i'wa 'mãe'		u'ji 'lua'

Fonte: (CÂNDIDO; RIBEIRO; ISHY, 2009)

As oposições fonológicas apresentadas nesses pares mínimos vocálicos constituem-se da distinção básica de vogais altas e baixas. As referências dos pares apresentam distinção de conteúdo delimitada, com exceção do advérbio temporal *i'ji* 'mês', no exemplo (15), em relação ao nome *u'ji* 'lua', que configura a oposição das vogais central /i/ com a posterior /u/. Com relação às vogais posteriores altas, tanto nas descrições do Kaxarari, como na maioria das demais línguas Pano, o estatuto de fonema da vogal alta [u] e da médio-alta [o], ou de somente uma delas na língua, é controversa em grande parte dessas línguas. A seguir, são apresentados os segmentos vocálicos propostos nos estudos iniciais da fonologia do Kaxarari:

Quadro 3 – Vogais propostas para o Kaxarari

	Alta			Baixa	Média
Souza (1986)	i	i̇	u	a	o
Cabral e Monserrat (1987)	i	i̇	u	a	-
Lanes (2000)	i	i̇	u	a	-
Sousa (2004)	i	i̇	u	a	o
Couto (2005)	i ĩ	i̇ ĩ	u ã u:	a ã a:	ε ẽ o
Cândido, Ribeiro e Ishy (2009)	i	i̇	u	a	-

Acerca dos fonemas vocálicos, Souza (1986) descreve um sistema com cinco vogais /i/, /i̇/, /u/, /a/ e /o/. Sobre esta vogal média, no geral, somente Souza (1986) e Sousa (2004) propõem que esse segmento funcione como fonema no Kaxarari, diferente dos estudos de Cabral e Monserrat (1987), Lanes (2000) e Cândido, Ribeiro e Ishy (2009), por exemplo, que não descrevem qualquer vogal média como fonema. No que diz respeito ao quadro de segmentos vocálicos, nota-se uma maior semelhança entre os trabalhos consultados, pois, com exceção de Sousa (2004) e Souza (1986), os demais autores postulam um sistema vocálico simétrico com quatro vogais /i/, /i̇/, /u/ e /a/, atestado por Ribeiro e Cândido (2006) como ocorre na maioria das línguas Pano:

Quadro 4 – Sistema vocálico preliminar do Kaxarari

Alta	i [i̇]	i̇ [i̇] [ə]	u [ũ] [u:] [o] [w]
Baixa		a [ã] [a:] [ɐ] [ẽ] [ε] [ẽ] [ɔ]	

Conforme Couto (2005), a aquisição e perda da Raiz Avançada da Língua (RAL), em respectivo, das vogais centrais baixa /a/ e alta /i̇/ derivam as variantes [ɐ] e [ə]. Igualmente, Cabral e Monserrat (1987) descreveram que [i̇] e [ə] alternam entre distintos falantes e formam um único fonema /i̇/. A vogal baixa /a/, de acordo com Couto (2005), seguida das anteriores /i/ ou /i̇/, deriva a vogal média anterior [ε]; ou, se seguida da vogal dorsal /u/, então deriva a média posterior [ɔ]. Sobre a vogal média anterior, Cabral e Monserrat (1987) também haviam descrito a relação das vogais [a] e [ε], assim como a variação da posterior alta [u], cuja língua, segundo as autoras, é articulada um pouco mais abaixo, mas não caracterizaria a vogal média [o].

Outras variações vocálicas que interagem com as consoantes são apresentadas no estudo de Couto (2005), a exemplo das obstruintes contínua /β/ e descontínua /k/. O autor apresenta a pré-vocalização da consoante contínua, conforme o seguinte exemplo: *βatfi* ~ ^²*βatfi* ‘sol’; assim como a assilabação da vogal /u/, seguida de sua labialização (u > w > ^w/k_a): *kuāni* > *kwāni* > *k^wāni* ‘fumaça’. Outros processos apresentados pelo autor correspondem à labialização da consoante obstruinte contínua (β > β^w/_a), conforme o seguinte exemplo: *βata* > β^w*ata* ‘doce’; o apagamento vocálico da vogal coronal /i/ antecedida da central /i/ (/i/ + /i/ = /i/); além de alguns aspectos descritos com base em processos fonológicos, e que, no entanto, ainda são ‘suspeitos’ de exercerem funções distintas na língua, a exemplo da nasalização e do alongamento vocálico.

2.3 Sílaba

A respeito da sílaba na língua Kaxarari, apenas Couto (2005), Sousa (2004) e Souza (1986) descrevem a distribuição dos fonemas na estrutura silábica, cujos padrões consistem nos seguintes tipos abertos CV e V; e fechados VC e CVC. Desses padrões, o mais comum é o tipo aberto estruturado com uma consoante seguida de uma vogal CV, o qual com adição dos demais tipos silábicos podem ser representados na fórmula básica (C)V(C).

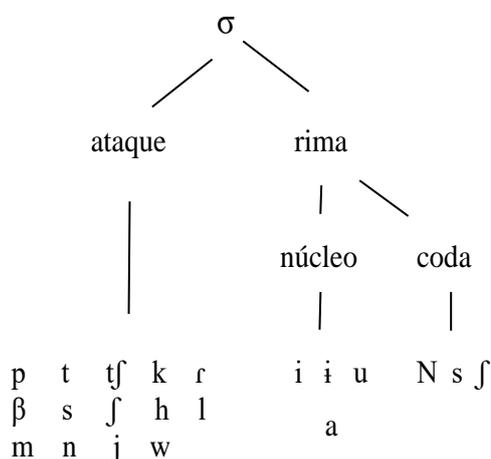
Quadro 5 – Distribuições segmentais e silábicas propostas para o Kaxarari

	Ataque - CV(C)	Núcleo - (C)V(C)	Coda - (C)VC
Souza (1986)	todas as consoantes	todas as vogais	/l/, /ʃ/
Sousa (2004)	todas, exceto *ʃV	todas as vogais	/l/, /ʃ/, /s/, /j/
Couto (2005)	todas as consoantes	todas as vogais	/l/, /ʃ/, /s/, /h/, /ʔ/

Todas as consoantes, segundo Souza (1986) e Couto (2005), ocorrem na posição de ataque silábico, porém, Sousa (2004) descreve a exceção da retroflexa /ʃ/. Conforme os três autores, na posição de núcleo, todas as vogais ocorrem, conquanto Couto (2005) atesta que ocorrem segmentos vocálicos singulares ou ditongos. No estudo desse autor, são descritos ditongos decrescentes como uma sequência de duas vogais, em que a primeira é pronunciada com maior intensidade. Em contrapartida, quando a intensidade recai na segunda vogal, o autor interpreta a sequência vocálica como um padrão GV (Glide-Vogal), e estabelece a correspondência desse padrão acentual ao tipo silábico CV.

Sobre a posição de coda silábica, Souza (1986) propõe os segmentos /l/ e /ʃ/; Sousa (2004), /l/, /ʃ/, /s/ e /f/; e Couto (2005) descreve /l/, /ʃ/, /s/, /h/, /ʔ/. Com base na proposta de Sousa (2004) sobre a composição da coda silábica, o estudo de Barbosa (2015) apresenta, nessa posição silábica, as consoantes contínuas soante /l/ e obstruintes /s/ e /f/. Nesse sentido, com base na análise da lateral no sistema fonológico do Kaxarari, descrevo que a posição de coda silábica do Kaxarari é composta das consoantes obstruintes [s] e [ʃ]; e das soantes [n] e [l], representadas com o arquifonema /N/. Sendo assim, por meio do processo de oralização, a posição de coda silábica da consoante nasal coronal /n/ seguida de consoantes plosivas deriva a variante lateral [l], conforme proponho a seguir:

Figura 1 – Estrutura silábica preliminar do Kaxarari



O tipo silábico aberto CV, de acordo com os autores, ocorre tanto em sílaba tônica como átona. No entanto, as sílabas fechadas que terminam com consoante, tipo silábico VC e CVC, segundo Sousa (2004) e Souza (1986), ocorrem somente em sílabas átonas. A propósito, o acento em Kaxarari, segundo Cabral e Monserrat (1987), “[...] pode ocorrer: na última sílaba; na penúltima e na última; na antepenúltima e na última.”. Apesar da controvérsia sobre essa questão do acento na língua Kaxarari, Couto (2005) descreve que “apesar de previsível, [pois] recai sobre a última sílaba em dissílabos, e na[s] antepenúltima e última sílabas, como primário e secundário subsequentes em polissílabos, ainda assim, são achados pares mínimos [...]”, como apresentado nos seguintes exemplos:

- 16 βa'wa 'papagaio' 17 pa'la 'coceira'
 'βawa 'besouro' 'pala 'largo'

Fonte: (COUTO, 2005)

Com base nessa descrição, a língua Kaxarari possui um sistema fonológico constituído de 14 consoantes, que se dividem em obstruintes, soantes, contínuas e nasais, nas séries labial, coronal, palatal e velar. As vogais são quatro, que se dividem em altas e baixa, estruturadas nas séries coronal, central e labial. É provável que os processos fonológicos mais comuns nessa língua sejam palatalização, sobretudo, das coronais e das obstruintes descontínuas; fortificação das obstruintes contínuas; alçamento da vogal baixa; nasalização e alongamento vocálico. Ademais, a coda silábica é constituída da soante /N/ e das obstruintes contínuas /s/ e /ʃ/; e o acento, não obstante a descrição de alguns pares mínimos, ocorre na última sílaba da palavra.

3 Descrições morfológicas

Nesta seção, descrevo breves aspectos morfológicos apresentados nos estudos de Cabral e Monserrat (1987), Couto (2005), Lanes (2000), Oliveira (2014), Sousa (2004) e Souza (1986). A seguir são descritos alguns aspectos dos morfemas de infinitivo, tempo passado, negação, número, pronome e caso. Após esta seção, são apresentados os resultados da análise sobre a lateral nessa língua, seguidos da conclusão do trabalho.

3.1 Verbo

3.1.1 Infinitivo

Nos estudos consultados sobre o Kaxarari, os morfemas verbais, provavelmente em suas formas de citação, são finalizados com a forma 'hi', que provavelmente corresponde ao sufixo {-hi}, cuja função é expressar a forma infinitiva da raiz verbal. Essa forma, em geral, é descrita conforme os seguintes exemplos: wits \mathbf{hi} 'acordar' (SOUZA, 1986); βay \mathbf{hi} 'ver', kuh \mathbf{hi} 'soprar', warah \mathbf{hi} 'puxar', uş \mathbf{hi} 'dormir' (LANES, 2000); kul \mathbf{hi} 'beber', pim \mathbf{hi} 'alimentar', has \mathbf{hi} 'afogar-se', maik \mathbf{hi} 'amanhecer', (SOUZA, 2004); siltʃ \mathbf{hi} 'arrepicar', tuk \mathbf{hi} 'escrever', uʔnal' \mathbf{hi} 'adormecer', nial' \mathbf{hi} 'arremessar', nakibal' \mathbf{hi} 'forrar', e fal' \mathbf{hi}

‘remar’ (COUTO, 2005). Ademais, de acordo com este autor supracitado, a consoante lateral, em posição de coda silábica medial, é palatalizada devido a fusão com o sufixo de infinitivo (‘ $\lambda i < l'hi$ ’).

3.1.2 Passado

Nos estudos sobre o Kaxarari, o nível morfológico foi descrito minimamente com relação a alguns aspectos verbais e parte dos dados foi apresentada somente para exemplificar breves descrições de unidades nominais. Apesar da limitação desses dados morfológicos, os exemplos a seguir apresentam a indicação de tempo passado:

18 i wahĩ pili-tu

1SG.ABS roça.LOC³pernoitar-CMPL

‘eu dormi (pernoitei) na roça’

Fonte: (OLIVEIRA, 2014)

19 Kaybu waka kola-to

nome.próprio água beber-PST

‘o Kaybu bebeu a água’

Fonte: (SOUZA, 1986)

20 inawa-ka⁴ isatu

onça-? dormir

‘a onça dormiu’

Fonte: (LANES, 2005)

³ Abreviaturas utilizadas: 1: primeira pessoa, 2: segunda pessoa, 3: terceira pessoa, ABS: absoluto, CMPL: completivo, ERG: ergativo, GEN: genitivo, INST: instrumental, LOC: locativo, NEG: negativo, PL: plural, POSS: possessivo, PST: passado, SG: singular.

⁴ Apesar de Couto (2005) descrever que o sufixo {-ka} com a função de tópico, a exemplo do elemento nominal, em função de objeto, *wahi-ka* ‘roçado-tópico’, os estudos de Lanes (2005) e Sousa (2004) descrevem somente sua forma.

Com base nesses dados, identifica-se em Kaxarari, assim como descrito nas línguas Pano, que a posição final do verbo caracteriza a ordem das palavras na oração básica como AOV/SV. A respeito desses itens verbais, o primeiro autor apresenta o radical *pili-tu* ‘pernoitar-CMPL’; o seguinte apresenta *kola-to* ‘beber-PST’; e o último, *isatu* ‘dormir’. Em todos esses verbos, as formas *-tu/-to* referem-se (conforme a recorrência formal, assim como as glosas interlineares e suas traduções) ao tempo passado do evento. Nesse sentido, proponho, ainda que de modo preliminar, que o sufixo {-tu} expresse a categoria de tempo passado em Kaxarari.

As demais línguas da família Pano são descritas com um conjunto de sufixos verbais que indicam níveis distintos do tempo passado. Por exemplo, o matis (língua falada na Terra Indígena Vale do Javari, no estado do Amazonas) possui os sufixos {-a} ‘passado recente’, {-bo} ‘passado não-recente’, {-bonda} ‘passado distante’, {-anpi} ‘passado remoto’ e {-nda/-nida} ‘passado indeterminado’ (FERREIRA, 2005). Sendo assim, sobre a língua Kaxarari, é provável que sua morfologia verbal contenha sufixos que indiquem níveis temporais distintos, o que especificaria, assim, o nível temporal do sufixo {-tu} ‘passado’ nessa língua.

3.2 Negação

O resumo a respeito da negação em Kaxarari é baseado fundamentalmente nos dados do estudo de Sousa (2004), que apresenta um pequeno número de itens lexicais na lista de palavras no anexo de seu trabalho. Os dados a seguir, por exemplo, referem-se à descrição de adjetivos com significado, conforme a tradução do termo, de antonímia, como ‘alegre’ e ‘triste’; ‘grande’ e ‘pequeno’; ‘largo’ e ‘estreito’:

21	sinãtsa'ma ‘alegre’	22	'pala ‘largo’
	sinãtsama-'ma ‘triste’		hapa'la-mã ‘estreito’ ⁵

⁵ O segmento monossilábico *ha-*, presente no início do termo *ha-pa'la-mã* ‘estreito’, provavelmente, corresponde a um item nominal incorporado à raiz do adjetivo ou uma forma já lexicalizada na raiz.

- 23 la'ki 'grande'
 laki-ma'a 'pequeno'
 Fonte: (SOUSA, 2004)

Nesses exemplos, os adjetivos que se referem tanto à ideia geral de dimensões de espaço físico quanto de estados de espírito são anexados com o sufixo negativo e apresentam gradações ou sentidos menos intensos em relação ao significado de suas raízes. Nesse sentido, as raízes adjetivais *sinātsama* 'alegre', *laki* 'grande' e *pala* 'largo', anexadas com o sufixo de negação [-ma/-maa/-mã], formam radicais adjetivais com significados gradativos/opostos, respectivamente, em relação ao significado básico da raiz: 'menos/não alegre'; 'menor/não grande'; e 'menos/não largo'.

Assim como essas questões de conteúdo e tradução, as formas e estruturas do radical desses adjetivos apresentam aspectos morfológicos que os relacionam com outras classes lexicais. As operações que configuram essa relação de classes são os processos e funções morfossintáticas do morfema *ma*, que, no caso dos adjetivos, é sufixado à raiz adjetival, o que forma um radical adjetival cujo sentido construído é a negação do significado da raiz. Além da sufixação a adjetivos, conforme os dados apresentados nos estudos de Sousa (2004) e Oliveira (2014), esse morfema também é anexado a radicais nominais, ou, na forma analítica *maʔa*, à direita do radical verbal:

- 24 nasa-na'ki-ma
 tartaruga-muita-NEG
 'pouca tartaruga'
 Fonte: (SOUSA, 2004)

- 25 tsu-l pi-tu maʔa
 quem-ERG comer-CMPL NEG
 'Quem não comeu?'
 Fonte: (OLIVEIRA, 2014)

Conforme a análise desses dados, proponho que a categoria de negação em Kaxarari seja indicada com a partícula *maʔa/maha* (provavelmente forma negativa no passado) e os

afixos [-ma], [-maa], [-mã], cuja forma fonológica é representada preliminarmente com o sufixo {-ma}. Nesse sentido, é provável que na língua Kaxarari o escopo da forma analítica ou partícula negativa pós-verbal opere a função de negação no domínio da oração ou sentença, e que o escopo do afixo adjetival funcione como negação no nível da palavra ou radical. Ademais, é provável que o Kaxarari possua outras formas de negação com base no tempo verbal, haja vista as descrições de outras línguas da família Pano, como o matis que possui os sufixos verbais {-esma} ‘negativo’, {-ama} ‘negativo passado’ e {-emen} ‘negativo não-passado’ (FERREIRA, 2005).

3.3 Número

Os breves dados referentes aos numerais da língua Kaxarari encontram-se nos trabalhos de Cabral e Monserrat (1987), Lanes (2000) e Sousa (2004). Este último estudo descreve que o sistema numérico básico nessa língua compreende as noções de número entre ‘um’ e ‘quatro’. De acordo com esses exemplos, os numerais que se referem a ideia de uma e duas unidades são representados, em respectivo, pelas formas *wispi* e *tfaβuta*. Com isso, as referências aos números ‘três’ e ‘quatro’ são expressas a partir da justaposição de dois numerais; *tfaβuta wispi* ‘três’ ($2 + 1 = 3$), e *tfaβuta-tfaβuta* ‘quatro’ ($2 + 2 = 4$), conforme sistema de base dois. De acordo com Sousa (2004), para os falantes expressarem uma quantidade superior a ‘quatro’, eles utilizam os dedos das mãos, e os mais velhos, os dedos dos pés.

3.4 Pronome

Nesta seção, descrevo os pronomes pessoais e possessivos do Kaxarari, cujos dados são providos dos estudos de Couto (2005), Oliveira (2014) e Sousa (2004). O quadro a seguir apresenta o paradigma de pronomes pessoais, possessivos e interrogativo pessoal nessa língua:

Quadro 6 – Pronomes pessoais e possessivos descritos em Kaxarari

	A	S/O	POSS (atributivo)	POSS (predicativo)
1.SG	il	i	i	iwi
2.SG	mil	mi	mi	miwi
3.SG	hal	ha	ha	hawa
1.PL	lul	lu	lun	luna
2.PL	matul	matu	matun	?
3.PL	hatul	hatu	hatun	?
INT	tsul	tsu	?	?

Fonte: (OLIVEIRA, 2014)**Fonte:** (SOUZA, 1986)

Sobre os pronomes pessoais, Oliveira (2014) descreve as formas dos pronomes em função de sujeito de orações transitivas, indicadas em (A); de orações intransitivas e objeto de transitivas, em (S/O); e os referentes à posse, provavelmente, de construções atributivas. Essa hipótese de classificação de pronomes atributivos é complementada com as formas possessivas predicativas, apresentadas em Souza (1986). Ademais, em adição a essas formas pronominais analíticas, Sousa (2004) descreve pronomes possessivos sintéticos, com formas análogas àquelas do trabalho de Couto (2005), prefixados a raízes nominais referentes, sobretudo, a partes do corpo:

26	i-βu'tfu 1.POSS.SG-olho 'meu olho'	28	ha-βa'wa 3.POSS.SG-papagaio 'papagaio dele'	30	matō-tfu'kani 2.POSS.PL-nariz 'nariz de vocês'
27	mi-tfa'pa 2.POSS.SG-avô 'teu avô'	29	lō-tfu'kani 1.POSS.PL-nariz 'nosso nariz'	31	hatō-tfu'kani 3.POSS.PL-nariz 'nariz deles'

Fonte: (SOUSA, 2004)

Com base nesse resumo sobre elementos pronominais em Kaxarari, é provável que as formas mínimas referentes à função de sujeito intransitivo e objeto direto (S/O) correspondam a raízes pronominais dessa língua, pois a repetição de suas formas ocorre em todos os elementos em função de pessoa e posse. Apesar disso, Souza (1986) descreve as

formas pronominais livres *ihi*, *mihi*, *haha* e *loho*, provavelmente em função de (S/O), descritos no estudo de Couto (2005) como um processo de harmonia vocálica, que “[...] incluem os prefixos pessoais mais uma raiz pronominal /hV/. A vogal V dessa raiz pronominal copia todos os traços do prefixo pronominal precedente [...]”.

3.4.1 Caso

A categoria de caso genitivo na língua Kaxarari é apresentada minimamente nos trabalhos de Couto (2005), Oliveira (2014) e Souza (1986). Os dados apresentados nesses estudos se limitam a construções possessivas simples entre dois nomes, conforme os seguintes exemplos:

32 kapiti obaɬĩ
 jacaré ovo
 ‘ovo de jacaré’

Fonte: (SOUZA, 1986)

33 tais ʃumitʃa
 Tais casa
 ‘casa de Taís’

34 awtʃa-n tʃĩna
 anta-GEN rabo
 ‘rabo de anta’

Fonte: (OLIVEIRA, 2014)

35 tʃaʃu-n la'mi
 veado-GEN carne
 ‘carne de veado’

Fonte: (COUTO, 2005)

O caso genitivo do Kaxarari é descrito nos estudos de Couto (2005) e Oliveira (2014). Souza (1986) apresenta a construção *kapiti obatfi* ‘ovo de jacaré’, cuja relação é expressa somente na justaposição dos termos em função, respectivamente, de dependente e núcleo. Não obstante, Oliveira (2014) descreve que dependentes que se referem especificamente a nomes próprios ocorrem na forma da raiz, ou seja, sem a marcação de caso genitivo. Em adição a esses exemplos de justaposição, em Kaxarari, é provável que a marcação de caso genitivo ocorra apenas no item dependente, referente a entidades animadas (com exceção de nomes próprios), seguidos do elemento nuclear.

O sufixo nasal {-n}, além da função de caso genitivo, é também anexado a itens nominais inanimados, com a função de expressar o caso locativo ou o caso instrumental. Na maior parte das línguas da família Pano, essas funções, sobretudo o genitivo e instrumental, formam o sincretismo morfológico com o caso ergativo, indicados com o traço nasal à direita do sintagma nominal (BARBOSA, 2018; FLECK, 2013). Em kaxari, no entanto, o morfema que expressa o caso ergativo é descrito na forma da consoante lateral, de acordo com os exemplos do estudo de Oliveira (2014), a seguir:

- 36 i wahi-n pili-tu
 1.SG.ABS roça-LOC pernoitar-CMPL
 ‘eu dormi (pernoitei) na roça’
- 37 i-l mali-n lami ka bustia-tu
 1.SG-ERG faca-INST carne ? cortar-CMPL
 ‘eu cortei a carne com a faca’
- 38 makuripa-l ka i t̥iha-tu
 makuripa-ERG ? 1.ABS bater-CMPL
 ‘Makuripá me bateu’

Fonte: (OLIVEIRA, 2014)

O alinhamento morfossintático do Kaxarari é marcado tanto nos itens nominais, como nos pronominais de todas as categorias de pessoa, singular e plural, contudo, diferente da maioria das línguas da família Pano, que marca o caso ergativo (além de locativo, instrumental e genitivo) com o sufixo nasal {-n}, é descrito que o Kaxarari marca esse caso

com o sufixo oral {-l}. Essa consoante lateral /l/, além de expressar o caso ergativo na morfologia da língua, também é descrita em diversos elementos lexicais, tanto de classes abertas como fechadas, em posição silábica inicial, medial e final, conforme discutido na seção a seguir.

4 Resultados da análise sobre a consoante lateral

Nesta seção, apresento a distribuição lexical e funcional da consoante lateral. Em seguida, a análise dessa consoante é apresentada em relação à posição silábica de ataque inicial de palavra (#IV), antecedida de vogal (V.IV), de consoante (C.IV), e em posição de coda silábica (VI.C), à esquerda das consoantes /t/, /tʃ/, /k/ e /w/.

4.1 Fronteira lexical

Sobre a descrição da consoante lateral em Kaxarari, essa unidade segmental é analisada com base em suas características de ‘soanticidade’ e ‘oralidade’, as quais a caracteriza como fonema no sistema fonológico dessa língua. Com isso, nesta subseção sobre os aspectos lexicais dessa consoante, esses traços distintivos que a compõe são relacionados com aqueles dos demais segmentos do sistema consonantal e vocálico, que ocorrem imediatamente à esquerda e/ou à direita de sua posição silábica.

Por exemplo, em posição de ataque silábico inicial (#IV), a consoante lateral é seguida das vogais baixa e altas, anteriores e posteriores: **laβuka** ‘banana’, **lami** ‘carne’, **lihi** ‘correr’ (SOUSA, 2004); **luna** ‘nosso’, **luluma** ‘pato’ (SOUSA, 1986) e **luhu** ‘nós’ (COUTO, 2005). Na posição de ataque medial, antecedida de vogais (CV.IV), ela ocorre nos seguintes verbos: **talana**hi ‘abraçar’, **isalia**hi ‘adoecer’, **wanali**hi ‘fugir’, **wilohi** ‘cair’, **kulahi** ‘beber’; e, com adição da vogal alta central, também nos nomes: **ka'laka** ‘trovão’, **tʃimili** ‘urubu’, **tʃulu** ‘cobra’, **naβila** ‘abelha’, **malimu**fa ‘agulha’, **nali** ‘bicho-preguiça’ e **makali** ‘mão’ (SOUSA, 2004).

A lateral, ainda na posição de ataque silábico medial (CV.IV), segue a vogal baixa nasalizada e antecede vogal oral: **ʃālali** ‘estrela’, **kālali** ‘molhar’, **tālali** ‘ponte’ e **tʃupālo** ‘barata’ (SOUSA, 2004). Nessa posição de ataque silábico, a vogal nasalizada que antecede a lateral geralmente é a vogal baixa, o que forma a sequência segmental ‘Can.IV’. Ademais, essa consoante baixa nasalizada é geralmente seguida de consoantes obstruintes

descontínuas: **ǰāpi** ‘mulher’, **pātaǰihi** ‘pescar’, **mākiǰai** ‘montanha’ (SOUSA, 2004); **isākili** ‘orelha’ (LANES, 2000) e **hātǰiltu** ‘enxada’ (CABRAL; MONSERRAT, 1987).

Sobre a posição de coda silábica (VI.C), a consoante lateral também ocorre geralmente seguida de consoantes descontínuas, a exemplo de **ǰawalkoyo** ‘nambu galinha’, **olkoni** ‘porquinho-do-mato’ (SOUZA, 1986); **siltǰihi** ‘beber’ (COUTO, 2005); **ǰalta** ‘hoje’ (SOUSA, 2004); e **hātǰiltu** ‘enxada’ (CABRAL; MONSERRAT, 1987). Ademais, os exemplos da consoante lateral seguida da labial sonora ‘**lb/lw**’, a exemplo de **silibimi** ‘marajá (árvore)’ (SOUZA, 1986); **halba** ‘aquele’ (COUTO, 2005) e **ǰalwahi** ‘queimar’ (LANES, 2000), indicam que a lateral seja a variante da nasal coronal ‘**nb**’, e que a consoante oclusiva labial, variante da aproximante labial ‘**nw**’.

Quadro 7 – Variação de nasais e aproximante em Kaxarari

lt	<	nt		
ltǰ	<	ntǰ		
lk	<	nk		
lb	<	nb	<	nw

Nas descrições do Kaxarari, as consoantes surdas coronal, palatal e dorsal - obstruintes descontínuas - também são antecedidas de nasal em coda, que se oralizam. Com isso, nessa língua, consoantes nasais coronais, em posição de coda silábica, seguidas de obstruintes descontínuas, realizam-se como variantes laterais: **l.C**_[+obs-cont] < **n.C**_[+obs-cont]. Ademais, se a consoante aproximante labial, em posição de ataque silábico, seguir a nasal coronal em posição de coda, então a variante plosiva é derivada (**nb** < **nw**). Nesse sentido, esse processo de fortificação fonológica de aproximantes em plosivas deriva a consoante labial [b], em posição de ataque, antecedita da nasal coronal em coda (nb).

4.2 Fronteira funcional

O principal processo funcional do Kaxarari descrito neste estudo é encontrado nas línguas do mundo para expressar as relações gramaticais entre o verbo e seus sintagmas nominais, que se estruturam em (S), (O) e (A). Nesse sentido, o alinhamento morfossintático do Kaxarari tem sido descrito como ergativo-absolutivo, com o absolutivo (S/O) geralmente representado com o morfema zero {-Ø}, e o caso ergativo (A), com o sufixo lateral {-l}. De acordo com Lanes (2005), em Kaxarari, ocorre “[...] uma lateralização da última vogal para

marcar o sujeito agente, ao passo que a não ocorrência desta marca, indica o sujeito e o objeto”:

- 39 *inawa-Ø-ka* *usato*
 onça-ABS-? dormir
 ‘a onça dormiu’
- 40 *inawa-l ka* *hulkuni-Ø* *kapito*
 onça-ERG ? porco-ABS comer
 ‘a onça comeu o porco’

Fonte: (LANES, 2005)

Esses exemplos apresentam o alinhamento morfossintático do Kaxarari, conforme o item nominal, em função de objeto direto, *hulkuni-Ø* ‘porco’ e, em função de sujeito em orações intransitivas, *inawa-Ø-ka* ‘onça’, ambos marcados com o caso absolutivo {-Ø}. Em contrapartida, o elemento nominal *inawalka* ‘onça’, em função de sujeito em orações transitivas, é marcado com o caso ergativo {-l}. Ademais, a consoante velar seguida da vogal baixa ‘ka’, no final das palavras *inawaka* e *inawalka*, conforme exemplo glosado por Couto (2005) – *wahi-ka* ‘roçado-tópico’ (em função de objeto direto), provavelmente expressa a função de tópico por meio do sufixo {-ka}.

Em Kaxarari, a formação da palavra ‘*inawalka* < *inawa-l-ka*’ deriva a sequência consonantal **l.k**, em fronteira morfológica, cuja raiz nominal é anexada com a consoante lateral {-l}, em função de caso ergativo, e seguida da plosiva dorsal {-ka}, em função de tópico. Nesse sentido, como demonstrado no quadro a seguir, análogo ao processo lexical de oralização da consoante nasal pós-vocálica seguida de consoantes plosivas, a consoante lateral, em função de caso ergativo, geralmente seguida do sufixo de tópico, realiza-se como variação da consoante nasal coronal:

Quadro 8 – Nasalização vocálica e oralização consonantal em Kaxarari

Oralização	Nasalização	
*jãta < janta	pãtafihi < pantaifihi	Nasalização Vocálica
jalta < janta	*paltafihi < pantaifihi	Oralização Consonantal
*inawãka < inawa-n-ka	wahĩ < wahi-n	Nasalização Vocálica
inawalka < inawa-n-ka	*wahil < wahi-n	Oralização Consonantal

O processo de nasalização vocálica ocorre no domínio lexical de um grupo de palavras, como o verbo *pãtafihi* < *pantaifihi* ‘pescar’, e no domínio funcional do caso locativo, a exemplo do nome *wahi* < *wahin* ‘roça-LOC’. Em contrapartida, a oralização consonantal também ocorre no domínio lexical, mas em grupo distinto de palavras, a exemplo de *jalta* < *janta* ‘hoje’, assim como no marcador do caso ergativo, como o nome *inawalka* < *inawa-n-ka* ‘onça-ERG-?’. Com isso, descrevo que, na língua Kaxarari, a consoante lateral pós-vocálica, em fronteira morfológica lexical e funcional, seguida das consoantes obstruintes descontínuas (plosivas surdas coronal, palatal, dorsal, e labial sonora), realiza-se como variação da nasal coronal: (l.C < n.C).

Nessa língua, conforme os trabalhos consultados, o sufixo de caso ergativo é anexado não somente a elementos nominais, como também a itens pronominais de pessoa, singular e plural, e ao interrogativo *tsu-l* ‘quem-ERG’. Com uma análise mais aprofundada dessas construções na língua Kaxarari, sequências consonantais formadas em fronteiras morfossintáticas correspondem a contextos fonológicos relevantes na análise fonológica das consoantes nasal e oral, assim como suas relações com as demais consoantes soantes e obstruintes. Alguns exemplos desses contextos são brevemente descritos no estudo de Oliveira (2014) com relação à consoante lateral seguida de nasais labiais ‘l.m’ - *il mi* bayatu ‘eu te vi’; labiais surdas ‘l.p’ - *tsul pitu maʔa* ‘Quem não comeu?’; e contínuas ‘l.h’ - *matul hatu* bayatu ‘vocês viram eles’.

Conclusão

A proposta preliminar deste estudo de base filológica é que a língua Kaxarari possui quatro vogais, que se dividem em altas e baixas /i/, /i/, /u/, /a/ e 14 consoantes obstruintes, soantes, contínuas e nasais, que ocupam o ataque silábico /p/, /t/, /tʃ/, /k/, /β/, /s/, /ʃ/, /h/, /m/, /n/, /w/, /l/, /j/, /r/ e a coda silábica composta das obstruintes /s/, /ʃ/ e o arquifonema nasal /N/. Nessa língua, aparentemente, se a consoante nasal coronal, em fronteira silábica lexical

ou funcional, anteceder as consoantes obstruintes descontínuas (+obs–cont: p, t, tʃ, k), então essa consoante nasal pós-vocálica realiza-se na forma do segmento lateral: **l.C**[+obs–cont] < **n.C**[+obs–cont].

Com base na oralização da consoante nasal, os nomes inanimados *wahi-n* ‘roça-LOC’, *mali-n* ‘faca-INSTR’ e animados *awtʃa-n* ‘anta-GEN’, e *inawa-n-ka* ‘onça-ERG-?’ são marcados com o sufixo nasal {-n}. Ademais, essa língua expressa o infinitivo com o sufixo {-hi}, o tempo passado com o sufixo {-tu}; a negação oracional com a partícula pós-verbal ‘maha’ e a morfológica com o sufixo {-ma}, que se anexa tanto a verbos, como nomes e adjetivos. Por fim, conforme os resultados apresentados nesses estudos a respeito da língua Kaxarari, espera-se que a análise da lateral e a breve proposta dos aspectos fonológicos e morfológicos possam ser avançados em futuras análises descritivas e comparativas da gramática dessa língua.

Referências

AIKHENVALD, A. Y. Typological distinctions in word-formation. In: SHOPEN, T. (Ed). *Grammatical Categories and the Lexicon*. v. 3. Cambridge: Cambridge University Press. p. 1-65, 2007.

AQUINO, T. V. *Os Kaxarari*. Relatório de avaliação. CPI-Acre, 1985.

BARBOSA, R. A. O. Uma proposta preliminar de sistema consonantal para a língua Kaxarari (Pano). *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 44. p. 202-216, 2015.

_____. Gramaticalização do sincretismo de casos em línguas da família Pano. *Lincom Studies in Language Typology*, 31, Muenchen, 2018.

CABRAL, A. S. A.; MONSERRAT, R. M. F. *Atualização léxico-semântica de línguas indígenas, Kaxarari (Rondônia) e katukina (Acre)*. Relatório CNPq/Fundação Nacional pro Memória. Brasília: Ministerio da Cultura, 1987.

CÂNDIDO, G. V.; RIBEIRO, L. A. A.; ISHY, P. H. *Uma nova visão sobre aspectos fonológicos da língua Kaxarari da família Pano*. Comunicação apresentada no 57º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), Ribeirão Preto: Universidade de Ribeirão Preto, 2009.

COUTO, C. A. C. *Análise Fonológica do Saynawa (Pano): a língua dos índios da T. I. Jamináwa do Igarapé Preto*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

DIXON, R. M. W. Ergativity, *Language*, v. 55. n. 1, p. 59-138, 1979.

_____. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

ERIKSON, P. Uma singular pluralidade: a etno-história Pano. In: Cunha, M. C. (Org.) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 239-52, 1992.

FERREIRA, R. V. *Língua Matis (Pano): uma descrição gramatical*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005.

FLECK, D. W. Panoan language and linguistics. *Anthropological Papers of the American Museum of Natural History*, New York, v. 99. 114 p, 2013.

GOMES, I. B. S. R. *O que aconteceu aos Kaxarari: um estudo etnográfico de (in)sustentabilidade ambiental*. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, 2009.

INSTITUTO SÓCIO AMBIENTAL. *Povos indígenas no Brasil*. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/Kaxarari>>. Acesso em: 16 set. 2017.

JAKOBSON, R. Fonema e Fonologia: a Fonologia em relação com a Fonética. In: *Textos selecionados*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

LA GRASSERIE, R. de. De la famille linguistique Pano. *Actas del VII Congreso Internacional de Americanistas*. Berlin. p. 438-50, 1889.

LANES, E. J. *Mudança fonológica em línguas da família Pano*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

_____. *Aspectos da mudança linguística em um conjunto de línguas amazônicas: As línguas Pano*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

LOOS, E. E. Pano. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Ed.). *The amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 227-50, 1999.

MOREIRA, M. G. A. *Em busca do território perdido: o reconhecimento da terra indígena Kaxarari no Brasil e da terra Ye'kuana do Alto Orinoco na Venezuela (1970-2002)*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2005.

MOSELEY, C. Atlas of the world's languages in danger, 3. ed. Paris, *UNESCO Publishing*, 2010. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>>. Acesso em: 26 de set. 2017.

OLIVEIRA, S. C. S. de. *Contribuições para a reconstrução do Proto-Páno*. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

PICKERING, W. Vocabulário Kaxarirí. *Série Linguística*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1973.

RIBEIRO, L. A. A. Uma proposta de classificação interna das línguas da família Pano. *Revista Investigações. Linguística e Teoria Literária*, Recife, v. 19. n. 2, p. 157-82, 2006.

SCHULLER, R. The language of the Tacana indians (Bolivia). *Anthropos*, v. 28. p. 99-116, 463-84, 1933.

SOUSA, G. C. *Aspectos da fonologia da língua Kaxarari*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.

SOUZA, I. C. de. *Kaxarari (Família Pano)*. 12 p. 1986.

TRUBETZKOY, N. S. *Principles of phonology*. Translated by Christiane A. M. Baltaxe. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1969.

RAPHAEL AUGUSTO OLIVEIRA BARBOSA

Pós-doutorando no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). FAPESP (2017/12835-0). CV: <http://lattes.cnpq.br/8879962952286209>. E-mail: raphael.aob@gmail.com.